

HISTÓRIA QUE SE CONTA É HISTÓRIA QUE SE INVENTA: AGUALUSA, CRIADOR DE FRADIQUE MENDES

PAULA RENATA MOREIRA*

* Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

E

Resumo

Este texto tem como objetivo a problematização do binômio “história x ficção” no romance epistolar *Nação crioula* (1997), do escritor angolano José Eduardo Agualusa. Na obra, ao apropriar-se de Fradique Mendes, personagem criado pelo grupo de intelectuais do Cenáculo, do qual faziam parte Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, Agualusa redimensiona o estatuto ficcional, ao emparelhar na mesma cena fatos e actantes de origens discursivas diversas. Propositadamente, confunde dados, personagens e lugares, imbricando real e ficção. Em tal escolha, reside um provocante questionamento acerca da possibilidade de acesso ao real, principalmente se pensarmos a maneira com que o romance é construído. Se cartas, muitas vezes, são tomadas como fontes históricas, a feitura de um romance de maneira epistolar brinca com o estatuto de verdade desse tipo de suporte, ao mesmo tempo em que dialoga com a tradição literária portuguesa, que conheceu Fradique Mendes por meio de uma dita publicação de suas epístolas por Eça de Queiroz. Pretendemos, então, pensar até que ponto, no romance, a dicção ficcional se interpõe, adentra e se funde no *modus operandi* da narrativa histórica e de que maneira essa inter-relação permite um diálogo, uma requalificação ou mesmo uma mudança na forma como este real nos é apresentado ou percebido.

Palavras-Chave: Agualusa; Ficção; História; *Nação Crioula*; Romance angolano.

Se, leitores de Pierre Menard, tivesse-nos chegado às mãos o seu *Dom Quixote*, como o leríamos? Se bem me lembro, Borges, ao figurar a impossível miragem de escrita menardiana, desenha-a como a reprodução exata da obra de Cervantes, linha a linha, palavra a palavra. Entretanto, como é fácil recordar, o texto de Menard, ainda que idêntica refacção do Quixote, é já outro Quixote, igual e completamente diverso.

Grupo de intelectuais que se reunia em Portugal no século XIX.

Continuando a fantasia borgiana, nós, receptores do autor Menard, leríamos seu livro num *continuum*: nosso horizonte de expectativa, moldado pela pré-existência do Quixote de Cervantes, deixar-nos-ia passear os olhos pelas novas-antigas páginas e nossa interpretação seria um acúmulo da prévia leitura de Cervantes (efetiva ou não, visto que o personagem passeia pelo mundo da cultura, mesmo para quem não o leu) somada à então nova recepção do mesmo. Por que nova? Ora, a historieta borgiana encena justamente a impossibilidade de um livro ser o mesmo numa enunciação diversa, ainda que igual sob todos os outros aspectos.

O paralelo com Menard, aqui, não é feito sem propósitos. Ao pôr em foco *Nação crioula* (1997), do escritor angolano José Eduardo Agualusa, a analogia salta aos olhos. Na obra, ao apropriar-se de Fradique Mendes, personagem criado pelo grupo de intelectuais do Cenáculo¹, do qual faziam parte Eça de Queiroz, Antero de Quental e Ramalho Ortigão, entre outros, Agualusa se traveste como um novo Menard, pois, ao manter em cena um personagem da tradição literária portuguesa, promove um redimensionamento da obra antiga, ao mesmo tempo em que cria uma nova. Assim, concebe uma nova proporção para o estatuto ficcional, ao emparelhar na mesma cena fatos e actantes de origens discursivas diversas. Propositadamente, confunde dados, personagens e lugares, imbricando real e ficção.

Em tal escolha reside um provocante questionamento acerca da possibilidade de acesso ao real, principalmente se pensarmos a maneira com que o romance é construído. Se cartas, muitas vezes, são tomadas como fontes históricas, a feitura de um romance de maneira epistolar brinca com o estatuto de verdade desse tipo de suporte, ao mesmo tempo em que dialoga com a tradição literária portuguesa, que conheceu Fradique Mendes por meio de uma dita publicação de suas epístolas por Eça de Queiroz.

Pretendo, então, problematizar o binômio “história x ficção” no romance epistolar *Nação crioula* (1997), de José Eduardo Agualusa e a inserção do livro num panorama de literatura mundial. Desejo, então, pensar até que ponto, no romance, a dicção ficcional se interpõe, adentra e se funde no *modus operandi* da narrativa histórica e de que maneira essa inter-relação permite um diálogo, uma requalificação ou mesmo uma mudança na forma como este real nos é apresentado ou percebido.

Nas palavras de Maria Nazareth Fonseca, “o romance coloca-se no limite entre invenção e registro” (FONSECA, 2001, p. 253). Agualusa assume, então, uma atitude iconoclasta frente àquilo que costumeiramente chama de “jogo literário”. Para entender tal colocação, deve-se levar em conta que Eça de Queiroz foi autor muito lido nas escolas de Angola no período colonial (FONSECA, 2001), o que, de alguma forma, o situa na composição de um cânone reconhecido no país, tornando a experiência literária de retomada de seu personagem extremamente significativa.

Assim como o Pierre Menard, citado de início, a aparição da obra agualusiana faz com que se modifique a leitura de Eça. Vale a pena, neste

momento, relembrar como o autor português formulou este que viria a ser personagem do escritor africano. A criação de Fradique pelo grupo do Cenáculo acontece como uma tentativa de chocar a sociedade portuguesa, exaltando um poeta que teria concebido versos satânicos (é assim que Eça relata o primeiro contato com aquele que, no romance, de ídolo admirado, viria a se tornar seu amigo). Ora, a concepção de Fradique ocorre de forma detalhada: o personagem é dotado de vasta e rica biografia, com minúcias acerca de suas preferências literárias e posições filosóficas explicitadas muito amiúde na obra eciana. Tais detalhes ocupam muito mais páginas do que as correspondências de Fradique, que deveriam ser, como o próprio título deixa claro, o objetivo do livro. Dessa forma, entra em cena mais do que um personagem, já que, como queria o grupo do Cenáculo, Fradique passaria por uma pessoa, “uma das personalidades mais interessantes do século”.

Já em seu início, como se pode ver, Eça dá ao mundo um personagem que tenta transitar entre o dito mundo real e o da ficção. E o próprio Eça se torna em seu próprio livro uma espécie de personagem, visto que atua como correspondente e amigo do protagonista de seu livro. O Fradique de Eça, embora *dândi*, não é um europeu formado apenas pelos livros. Insere-se, através de viagens exploratórias, em outras culturas. O adjetivo “excêntrico”, então, caberia-lhe muito bem: é aquele que foge do centro, que se espraia pelas bordas, introduzindo-se em outros modos de vida. Todavia, esse homem, como não podia deixar de ser, é informado pela mentalidade do modo de vida europeu do século XIX e suas inserções exploratórias guardam ainda a idéia do civilizado que desbrava o território selvagem.

Como nos lembra Maria Nazareth Fonseca:

Alguns vêm a personagem como alter-ego do seu criador, tamanhas são as afinidades podem ser encontradas entre o pensamento de Eça e as reflexões elaboradas com o fino humor que caracteriza sua personagem. Outros percebem em Fradique uma identidade maior não com o escritor, ou melhor, não apenas com ele, mas com o ambiente burguês característico do final do século XIX europeu (FONSECA, 2001, p. 254).

A esse propósito, podemos lembrar as falas de Eça a respeito do homem de África. Ao comentar a personalidade dos ingleses, em *Cartas da Inglaterra*, afirma:

Todo o seu esforço consiste em reduzir as civilizações estranhas ao tipo de sua civilização anglo-saxônica. *O mal não é grande* quando eles operam sobre a Zululândia e sobre a Cafraria, nestas vastidões da Terra Negra, onde o selvagem e a sua cubata mal se distinguem das ervas e das rochas, e são *meros acessórios da paisagem*: aí encontram apenas uma matéria bruta, onde nenhuma anterior forma de beleza original se estraga quando eles a refundem para fazer à sua imagem. Vestir o desventurado rei negro Cetevaio, como eles agora fizeram, de coronel de infantaria; obrigar o chefe dos Basutos a saber de cor os nomes da família real inglesa são talvez atos de feroz despotismo, mas não deterioram nenhuma primitiva originalidade de linha ou de idéia. Para Cetevaio, que andava nu, uma

fardeta, mesmo de infantaria, não faz senão vesti-lo; e é indiferente que dentro do crânio dos Basutos haja só fórmulas de invocação ao manipanso, ou também nomes de príncipes da Casa de Hanôver (QUEIROZ, *Cartas da Inglaterra* – Grifo meu).

Flagra-se aí um posicionamento que, embora perverso, é continuamente reputado ao território africano: ser parte do mundo natural, não do social/cultural. Assim sendo, pode-se tomar como irônicas as palavras que abrem o romance de Agualusa, na boca de seu novo Fradique Mendes: “Desembarquei ontem em Luanda às costas de dois marinheiros cabindanos. Atirado para a praia, molhado e humilhado, logo ali me assaltou o sentimento inquietante de que havia deixado para trás o próprio mundo” (AGUALUSA, 1997, p.11).

Ora, Fradique despede-se da civilização. É, de maneira metafórica, um despedir-se também do Fradique que fora em Eça, para assumir sua nova feição. Assim como o Fradique de Eça se parece com seu criador, o de Agualusa se assemelha ao escritor angolano, guardadas as devidas proporções. Prova disto é o fato de que traz avaliações da sociedade escravista não tão plausíveis de serem formuladas no XIX, com posicionamento crítico não só do homem do século XX, mas também do não-europeu. A retomada do personagem português é irônica, mas não só. Ela é também uma oportunidade de ressituar uma figura concebida por um grupo de intelectuais produtores de literatura realista, interessados – como Eça – em uma literatura para educação social e, de alguma forma, dar-lhe uma faceta mais condizente com um homem de amplas idéias, salvando-o, assim, do anacronismo.

O Fradique de Agualusa, ao passo que retoma, numa montagem, alguns dos correspondentes originais do personagem eciano, como a Madame de Jouarre, também cria novos, como o próprio Eça de Queiroz, que, novamente, vê-se personagem num livro em que figura Fradique Mendes. Dessa vez, porém, não tem em suas mãos o controle da autoria.

Enquanto as cartas para a sua madrinha contêm, na maioria das vezes, o relato da parte mais “novelesca” do livro (o romance com Ana Olímpia) e alguns aspectos da sociedade angolana, nas cartas a Eça, aparece menos o amor e mais a caracterização de África e do sistema escravocata. A relação com o romance eciano, assim, fica solidificada, visto que na biografia de Fradique, Eça afirma não ser confidente em dos amores do amigo, sendo sua amizade mantida muito mais num nível de discussão intelectual.

A correspondente Madame de Jouarre seria, em Agualusa, também outra, visto que as cartas dirigidas a ela pelo Fradique de Eça trazem sempre o que há de mais supérfluo e coquete, enquanto que, na ficção angolana, desenham uma mulher preocupada com os tipos humanos, com um interesse que vai além da curiosidade, mas figuram um sentimento humanitário que casa-se bem com o Fradique em questão.

O comércio negreiro é, talvez, o assunto mais debatido nas ditas cartas de Fradique. Em princípio, como um simples observador daquele tipo de troca comercial, não sem uma ou outra observação inteligente e irônica. Quando Ana Olímpia, contudo, torna-se ela própria alvo do siste-

ma escravista, e precisam, Fradique e ela, fugir de Angola para conseguir a liberdade da ex-escrava, senhora e novamente escrava, o debate sobre a escravidão no Brasil e em África ganha nova dimensão, com a inclusão mesmo de personagens muito caros à luta anti-escravagista no Brasil, como José do Patrocínio. **Nação crioula**, não por acaso, é o nome que batiza o último navio negreiro de Angola, no qual Fradique e Ana Olímpia fugirão para a liberdade no Brasil. Segundo Nazareth Fonseca:

Essas peculiaridades do contexto do tráfico vão tecendo um vasto painel sobre uma realidade que está ausente do texto de Eça de Queirós, mesmo quando Fradique é descrito como um misto de antropólogo e historiador, muito interessado na diversidade das culturas que conheceu (FONSECA, 2001, p.258).

Fradique deixa de ser a consciência que olha ironicamente a realidade a sua volta para ser o ativo participante contra causas que abomina, por impulsos da mente (as posições intelectuais que o fazem investir contra o tráfico) e do coração (pela relação de comprometimento de Ana Olímpia com sua vida de escrava).

O livro, obviamente, não é documento histórico *stricto sensu*, mas nos ajuda a pensar outra história dentro da que temos como factual. Ou, nas palavras de Hermano Vianna, compõem essa “estranha realidade (virtual?) que só podemos acessar com a leitura de poucos romances” (VIANNA, 2008, p.7)

Para Vladimir Zamparoni, “Este **Nação crioula** faz emergir uma dimensão da história de três continentes, que, quase sempre, são tratados de maneira fragmentária e isolada” (ZAMPARONI, 1998-99, p. 381).

Em suma, pode-se afirmar com a leitura do **Nação crioula**, que Agualusa recria, ao mesmo tempo, Fradique e Eça. Que se insere e se apropria da literatura europeia e do cânone mundial. Assim fazendo, assume, como escritor africano, ser portador do patrimônio literário universal, como qualquer outro escritor, libertando-se da pecha de que a escritores africanos só é dado criar identidades e ser pitoresco. Ao fazer isso, torna-se similar ao personagem Pierre Menard, de Borges, não por acaso, este também reconfigurado em outro livro do angolano.

Ao apropriar-se de Eça, torna-o um personagem-leitor. Já Fradique, que personagem sempre fora, ainda que com biografia e pretensões de pessoa, é subvertido de *dândi* para um agente contra a escravidão. Nessa recriação, Agualusa desarranja vários estatutos: a ficção brinca com a história, ao atuarem, de passagem, diversos “personagens reais”. Mas não só. Cria-se uma possibilidade de passado outro. O Atlântico negro é posto em cena e seus trânsitos são evidenciados na construção desse caminho utópico, mas não fictício, que liga Portugal/África e Brasil. Importante dizer que a obra de Agualusa modifica a de Eça, pois agora, Fradique não é mais o europeu-observador, mas um homem cuja África marcou sua história, acrescido de aspectos nunca dantes navegados.

Não foi a única vez que Agualusa se apropriou de um personagem com existência real e o direcionou à ficção. Em **O Vendedor de passados** sugere uma brincadeira textual: joga com a possibilidade do renascimento de Jorge Luis Borges em forma de osga, tornando-o narrador da vida de um homem que comercializa passados.

O próprio Agualusa, com seu Fradique Mendes, é, de alguma forma, um re-criador de passados, visto que, ao utilizar-se do personagem eciano, concebe um passado diverso, uma releitura não só da tradição literária portuguesa, mas do próprio trânsito entre Brasil e Angola. As palavras da osga tigrada fecham meu texto, com o propósito de caracterizar o próprio Agualusa, escritor angolano, herdeiro da tradição literária universal: “A única coisa que em mim não muda é o meu passado: a memória do meu passado humano. O passado costuma ser estável, está sempre lá, belo ou terrível, e lá ficará para sempre. (Eu acreditava nisto antes de conhecer Félix Ventura)” (AGUALUSA, 2004, p. 59). E eu, até conhecer a obra de José Eduardo Agualusa.

RESUMEN

Este artículo tiene por objeto cuestionar el binomio “historia x ficción” en la novela epistolar **Nação crioula** (1997), del escritor angolano José Eduardo Agualusa. En el libro, al apropiarse de Fradique Mendes, personaje creado por el grupo de intelectuales del Cenáculo, formado, entre otros, por Eça de Queiroz y Ramalho Ortigão, Agualusa da nueva dimensión al estado de ficción, en la misma escena, para que coincidan los hechos y los actantes de diferentes orígenes discursivos. Deliberadamente confunde los datos, personajes y lugares, historia y ficción involucrados. En esta elección, hay una pregunta provocadora sobre la posibilidad de acceso a la realidad, sobre todo si tenemos en cuenta los modos en que la novela se construye. Si cartas son a menudo tomadas como fuentes históricas, la realización de una novela de forma epistolar cuestiona el estado de la verdad de ese texto, al mismo tiempo que realiza una conversación con la tradición literaria portuguesa, que conoció Fradique Mendes a través de una publicación de sus cartas por Eça de Queiroz. Tenemos la intención, por lo tanto, de pensar en lo que va de la novela, el enunciado de ficción se encuentra, entra y se funde en el *modus operandi* de la narrativa histórica y cómo esta interacción permite un diálogo, una reclasificación o un cambio en la forma en que se nos presenta la realidad.

Palavras clave: Agualusa; Ficção; História; **Nação Crioula**; Novela angolana.

REFERÊNCIAS

- AGUALUSA, José Eduardo. **O vendedor de passados**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004.
- AGUALUSA, José Eduardo. **Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2008.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. Fradique Mendes nas rotas do Atlântico Negro. In: SCARPELLI, Marli Fantini e OLIVEIRA, Paulo Motta (Org). **Os centenários: Eça, Freyre e Nobre**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001.
- QUEIROZ, Eça de. **A correspondência de Fradique Mendes**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1971.
- SOUSA NETO, Francisco. O turista Fradique: do dândi impassível ao filantropo anti-esclavagista. In: **Anais do VI Congresso Nacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada/ X Colóquio de Outono Comemorativo das Vanguardas**. Universidade do Minho, 2009-2010.. Disponível em: <http://ceh.ilch.uminho.pt/Pub_Francisco_Neto.pdf>. Acesso em: 07 nov 2010.
- VIANNA, Hermano. Prefácio. In: AGUALUSA, José Eduardo. **Nação Crioula**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2008.
- ZAMPARONI, Valdemir. Nação Crioula: A correspondência secreta de Fradique Mendes. [Resenha]. In: **Afro-Ásia**. N. 21-22. Salvador: UFBA, 1998-1999.